

ACUMULAÇÃO E POBREZA NAS METROPOLES E GRANDES CIDADES DO BRASIL

Rosa Ester Rossini
NEMGE- Universidade de São Paulo

Os países do Terceiro Mundo não formam um todo homogêneo. Na América Latina a grande maioria pertence a este bloco. Cada um dos países carrega sua história, suas estruturas sócio- econômicas e políticas. O Brasil é um desses países.

Na América Latina encontram-se algumas das maiores cidades metropolitanas do mundo: México, São Paulo, Buenos Aires.

O modelo de desenvolvimento adotado no Brasil foi e é a causa das grandes disparidades; enorme exercito de pobres que acumulam a pobreza e pequeno contingente de ricos que concentram, a maior parte da riqueza do país.

Se por um lado existe, nas grandes cidades e metrópoles, um processo de acumulação de recursos e de investimentos, do outro ocorre processo de concentração populacional. Essa se dá através de migração e do crescimento demográfico.

A população aumentada não cria obrigatoriamente emprego, mas cria ocupação. Diminuem os empregos com a modernização tecnológica e organizacional pois esses são poupadores de mão-de-obra e há a procura de pessoal altamente especializado sendo que muitas atividades requerem apenas engajamentos temporários. Acelera-se o mercado de trabalho informal como alternativa de sobrevivência.

O habitar, a circulação o transporte, os serviços em geral, para boa parte da população carente são escassos. Intensificamse os movimentos sociais.

QUEDA NO RITMO DE CRESCIM,ENTO POPULACIONAL NO PAIS

A década de 80 representou para o Brasil um período de crise, de paralisia do investimento industrial. Ao mesmo tempo ocorreu abertura crescente da economia brasileira com forte crescimento da exportação de bens manufaturados e também, de produtos agrícolas e minerais. Outras áreas, além de São Paulo, despontam e a pesar das desigualdades terem se “reduzido” pelo menor crescimento médio da economia paulista, o resultado foi o nivelamento, para baixo, onde as desigualdades entre as regiões tornaram-se maiores.

Os efeitos econômicos dessa situação foram visíveis sobretudo nas áreas metropolitanas mais industrializadas como São Paulo e Belo Horizonte. O maior sintoma foi o baixo crescimento dos níveis de emprego formal na indústria de transformação. A crise foi mais evidente nas metrópoles que já enfrentavam problemas econômicos como Recife e Rio de Janeiro.

No conjunto assiste-se à desaceleração do crescimento populacional das metrópoles brasileiras. Tabela “Brasil população das Regiões Metropolitanas-1980- 1991”; Tabela: Brasil- Indicadores de condição de atividade das pessoas de 10 anos ou mais de idade, por Grandes Regiões. 1989.

Tabela 1
BRASIL
POPULACAO DAS REGIOES METROPOLITANAS
1980 – 1991

| Regiões Metropolitanas | 1980 | 1991 |
|------------------------|-------------|-------------|
| Belém | 1 000 357 | 1 334 460 |
| Fortaleza | 1 581 457 | 2 292 524 |
| Recife | 2 346 196 | 1 859 469 |
| Salvador | 1 766 075 | 2 472 131 |
| Belo Horizonte | 2 534 576 | 3 461 905 |
| Rio de Janeiro | 9 018 961 | 9 600 528 |
| São Paulo | 12 578 045 | 15 199 423 |
| Curitiba | 1 441 743 | 1 975 624 |
| Porto Alegre | 2 232 370 | 3 015 960 |
| Brasil | 119 024 600 | 146 326 159 |

Fonte: IBGE, Censos Demográficos – 1980- 1991 (resultados preliminares)

O crescimento da população brasileira vem ocorrendo em ritmo mais lento nas últimas décadas. Pouquíssimos e percentualmente pouco expressivos, foram no os estados que assistiram os aumento da taxa média de crescimento no último período 980/91. O Brasil, no seu conjunto “perdeu o ritmo” de crescimento que o caracterizava. A década 1980/91 foi a que apresentou a menor taxa de crescimento desde que foram iniciado os levantamentos oficiais de dados populacionais no país. (Tabela- Evolução da População Brasileira-1972-1991; Tabela- Brasil: População Residente, por Sexo a Taxa Média Geométrica de Incremento Anual segundo as Grandes Regiões e Unidades de Federação- 1980/1991; Tabela- Brasil: Grandes Regiões, População Urbana e Rural, Censos de 1940 a 1991; Figura População do Brasil- 1991: Tabela – Brasil: Taxa média geométrica de incremento anual, segundo os municípios de maior crescimento- 1991; Tabela- Brasil: População residente, por sexo, segundo os municípios mais populosos-1991).

Do final do século até o início da década de 40 o crescimento populacional deveu-se em grande parte não só ao crescimento vegetativo, mas à entrada de estrangeiros no país. Na estruturação do espaço, a agricultura, especialmente do café, aliada à tendência de urbanização foram responsáveis pelo crescimento acelerado, especialmente no centro- sul do país (Rossini, 1992).

Sintetizando, poder-se-ia dizer que as formas propriamente capitalistas de produção na agricultura e principalmente nas atividades urbano- industriais se localizavam prioritariamente no eixo São Paulo- Rio de Janeiro.

O crescimento demográfico alimentado principalmente pelos fluxos migratórios nacionais, concentrando-se espacialmente no Centro- Sul do país, assim como o mercado consumidor, sustentavam a produção necessária de força de trabalho para a fase inicial do desenvolvimento capitalista.

BRASIL
Evolução da População Brasileira
1872 – 1991

| Censos | População por 1000 | Em % |
|--------|--------------------|------|
| 1872 | 9.930 | |
| 1890 | 14.334 | 2.01 |
| 1900 | 18.200 | 2.42 |
| 1920 | 27.500 | 2.12 |
| 1940 | 41.236 | 2.05 |
| 1950 | 51.944 | 2.38 |
| 1960 | 70.119 | 2.99 |
| 1970 | 93.139 | 2.89 |
| 1980 | 119.099 | 2.49 |
| 1991 | 146.155 | 1.89 |

FONTE: FIBGE- Censos Demográficos

Se de um lado a rápida expansão do mercado atraía estabelecimentos industriais para atender a essa massa de população, ao mesmo tempo em que cresciam as oportunidades de emprego e geração de riqueza especialmente em São Paulo, de outro lado continuava o fluxo migratório, aumentava o mercado consumidor, etc... A concentração espacial das indústrias produtoras de bens de consumo atraía igualmente indústrias de bens intermediários, promovendo, cada vez mais, processo de desconcentração da riqueza nesta parte do território.

A expansão da ocupação do espaço nacional foi se processando a partir pela penetração de estradas que hoje cortam o território, promovendo a integração nacional comandada pelo sudeste e de forma particulara pela metrópole paulistana.

Assim, a partir de 1940, o crescimento populacional, após a diminuição acentuada da queda da mortalidade e até 1966 como manutenção de níveis bastante elevados de fecundidade. A partir, então, da década de 60 cai consideravelmente a fecundidade motivada não só pela entrada cada vez maior da mulher na força de trabalho, ainda pelo aumento da escolarização e da urbanização e da urbanização, etc. (Figura: Brasil- Ocupação do Território densidade da população – 1940 – 1990; Tabela- Brasil: Pessoas de 5 anos ou mais, por condição de alfabetização sexo, segundo os grupos de idade – 1990;; Figura – Brasil: Pessoas alfabetizadas de 5 anos ou mais).

INTENSSO PROCESO DE URBANIZACAO

Em 1940 nenhuma região brasileira ultrapassava os 40% de residentes urbanos. Em 1960 apenas a região Sudeste tinha mais de 50% e urbanos,

enquanto que em 1980 todas as regiões tinham uma urbanização territorial e urbano no Brasil.

BRASIL

| População residente, por sexo e taxa média geométrica de incremento anual, segundo as Grandes Regiões e Unidades da Federação – 1980 – 1991 | | | | | | |
|---|---------------------------------------|----------|--------|----------|---|---------|
| Grandes Regiões e Unidades da Federação | POPULACAO RESIDENTE (1000 pessoas) | | | | Taxa Média Geométrica de Incremento Anual | |
| | 1990 | 1991 (1) | | | 1970/80 | 1980/91 |
| | | Total | Homens | Mulheres | | |
| BRASIL | 119 003 | 146 155 | 72 171 | 73 984 | 2.49 | 1.89 |
| NORTE | 6 619 | 10 146 | 5 178 | 4 968 | 5.03 | 3.96 |
| Rondônia | 491 | 1 130 | 585 | 545 | 16.00 | 7.87 |
| Acre | 301 | 417 | 211 | 206 | 3.45 | 3.01 |
| Amazonas | 1 430 | 22 089 | 1 076 | 1 013 | 2.10 | 3.50 |
| Roraima | 79 | 216 | 119 | 97 | 4.10 | 9.55 |
| Pará | 3 403 | 5 085 | 2 571 | 2 513 | 6.06 | 3.72 |
| Amapá | 175 | 289 | 145 | 144 | 4.64 | 4.65 |
| Tocantina | 739 | 920 | 471 | 4 049 | 4.37 | 2.01 |
| NORDESTE | 34 812 | 42 387 | 20 727 | 21 660 | 2.17 | 1.81 |
| Maranhão | 3 996 | 4 922 | 2 441 | 2 481 | 2.91 | 1.91 |
| Piauí | 2 139 | 2 581 | 1 261 | 1 320 | 2.44 | 1.72 |
| Ceará | 5 288 | 6 353 | 3 084 | 3 269 | 1.96 | 1.68 |
| Rio Grande do Norte | 1 898 | 2 414 | 1 178 | 1 236 | 2.06 | 2.21 |
| Paraíba | | | | | | |
| Pernambuco | 2 770 | 3 201 | 1 546 | 1 655 | 1.52 | 1.32 |
| Alagoas | 6 143 | 7 110 | 3 434 | 3 676 | 1.76 | 1.34 |
| Sergipe | 1 983 | 2 513 | 1 227 | 1 286 | 2.28 | 2.18 |
| Bahia | 1 140 | 1 492 | 731 | 762 | 2.36 | 2.48 |
| | 9 454 | 11 802 | 5 826 | 5 976 | 2.37 | 2.04 |
| SUDESTE | | | | | | |
| Minas Gerais | 51 734 | 62 121 | 30 581 | 31 540 | 2.65 | 1.68 |
| Espirito Santo | 13 379 | 15 746 | 7 801 | 7 945 | 1.34 | 1.49 |
| Rio de Janeiro | 22 023 | 2 598 | 1 297 | 1 301 | 2.36 | 2.30 |
| São Paulo | 11 292 | 12 584 | 6 056 | 6 519 | 2.31 | 0.99 |
| | 25 041 | 31 193 | 15 419 | 15 774 | 3.49 | 2.02 |
| SUL | | | | | | |
| Paraná | 19 031 | 22 080 | 10 997 | 11 123 | 1.44 | 1.36 |
| Santa Catarina | 7 629 | 8 416 | 4 194 | 4 222 | 0.97 | 0.90 |
| Rio Grande do Sul | 3 628 | 4 536 | 2 273 | 2 264 | 2.27 | 2.05 |
| Mato Grosso do Sul | 7 734 | 9 128 | 4 491 | 4 637 | 1.56 | 1.47 |
| CENTRO- OESTE | 6 806 | 9 420 | 4 728 | 4 692 | 4.05 | 3.00 |
| Mato Grosso do Sul | | | | | | |
| Mato Grosso | | | | | | |
| Goiás | | | | | | |
| Distrito Federal | 1 370 | 1 778 | 989 | 880 | 3.20 | 2.40 |
| | 1 139 | 2 021 | 1 045 | 975 | 6.62 | 5.35 |
| | 3 121 | 4 025 | 2 018 | 2 007 | 2.78 | 2.34 |
| | 1 117 | 1 596 | 766 | 830 | 8.13 | 2.81 |

FONTE- IBGE, Directoria de Pesquisa, Departamento de População.

NOTA- As diferenças apresentadas entre soma de parcelas e totais são provenientes de arredondamento de dados.

(1) Resultados preliminares.

A diferença entre as taxas de urbanização das regiões está intimamente ligada à formas como ocorreu a divisão do trabalho. No sudeste, por exemplo, a área mais desenvolvida do país, o processo de modernização se implantou de forma paulatina e vigorosa no tempo.

BRASIL
Grandes Regiões
População Urbana e Rural
Censos de 1940 a 1991

| Grandes Regiões | Em porcentagem | | | |
|-----------------|----------------|-------|-------|-------|
| | 1940 | 1960 | 1980 | 1991 |
| Norte | 27.75 | 37.80 | 51.69 | 57.84 |
| Nordeste | 23.42 | 34.24 | 50.44 | 60.64 |
| Sudeste | 39.42 | 57.36 | 82.79 | 88.01 |
| Sul | 27.73 | 37.58 | 62.41 | 34.12 |
| Centro- Oeste | 21.52 | 35.02 | 67.75 | 79.16 |

FONTE: FINGE Censo Demográfico

“A fase atual... é o momento no qual se constitui, sobre territórios cada vez mais vastos, o que se chamará de meio técnico- científico, isto é, o momento histórico no qual a construção ou reconstrução do espaço se dará com um crescente conteúdo, de ciências e técnicas... A partir, sobretudo, do fim da segunda guerra mundial, generaliza-se a tendência. Desse modo, as remodelações que se impõe, tanto no meio rural, quanto no meio urbano, não se fazem de forma indiferente quanto a esses três dados: ciência, tecnologia e informação. Isso trás, em conseqüência, mudanças importantes, de um lado, na composição técnica do território, graças à cibernética, às biotecnologias à novas químicas, à informática e à eletrônica. Isso se dá de forma paralela à cientifização do trabalho. O trabalho se torna cada vez mais trabalho científico e se dá também, em paralelo, a uma imformatização do território. Pode-se dizer, mesmo, que o território se informatiza mais, e mais depressa, que a economia ou que a sociedade. Sem dúvida, tudo se informatiza, mas no território esse fenômeno é ainda mais marcante na medida em que o trato do território supõe o uso da informação, que está presente também nos objetos” (Santos, 1992. P. 4 e 5).

Tudo isso leva a uma especialização e com reflexões no sócio- econômico. O Brasil, no seu conjunto, cria uma nova imagen (Tabela: Brasil- População Economicamente Altiva e Não- Economicamente Altiva , por sexo, segundo as Grandes Regiões – 1990; Tabela: Brasil- Valor da Exportação e do Sldo Comercial – 985-90; Tabela: Brasil- Produto Interno Bruto, segundo Classes e Ramos de Atividade- 1989-0).

Com a definição de efetivas especializações no território, criam-se as verdadeiras completeraridades regionais, inclusive se impõe uma nova divisão territorial do trabalho. Intensifica se o processo de circulação e de comunicação.

Cresce a mão-de-obra assalariada, aumenta a participação do setor de serviços. Vive-se a era do domínio dos setores bancários e financeiro. Todo isso dá uma nova qualidade ao espaço e à rede urbana (Santos, 1990). “De fato, os eventos são, hoje, dotados de uma simultaneidade que se distingue

das simultaneidades precedentes pelo fato de ser movida por um único conjunto motor, a mais- valia ao nível mundial, que em última análise, responsável, direta ou indireta, pela forma como os eventos de dão sobre os diversos territórios. Essa unificação se dá em grande parte através do nexo financeiro o conduz à uma reformulação do espaço à escala mundial” (Santos, 1992 p. 10).

| BRASIL | | | | | |
|---|--------------------------|-----------------------|----------|---------------------------|----------|
| POPULACAO ECONOMICAMENTE ATIVA E NAO ECONOMICAMENTE ATIVA POR SEXO, SEGUNDO AS GRANDES REGIOES – 1990 | | | | | |
| GRANDES REGIOES | POPULACAO (1000 pessoas) | | | | |
| | TOTAL | Economicamente activa | | Nao-economicamente activa | |
| | | Homens | Mulheres | Homens | Mulheres |
| BRASIL (1) | 113 629 | 41 600 | 22 868 | 13 656 | 35 505 |
| Norte (2) | 3 757 | 1 262 | 722 | 549 | 1 225 |
| Nordeste | 31 615 | 11 310 | 5 922 | 3 990 | 10 392 |
| Sudeste | 52 391 | 18 895 | 10 706 | 6 480 | 16 309 |
| Sul | 17 920 | 7 056 | 3 987 | 1 788 | 5 089 |
| Centro oeste | 7 947 | 3 077 | 1 532 | 850 | 2 489 |

FONTE- IBGE. Diretoria de Pesquisa, Departamento de Emprego o Rendimento.

NOTA – As diferenças apresentadas entre soma de parcelas e totais são provenientes de arredondamento de dados.

(1) Exclusive as pessoas da zona rural da Região Norte
(2) Exclusive as pessoas da zona rural.

Amplia-se o consumo no Brasil. O mercado das iluções é acelerado através das vitrines multicoloridas das cidades, despertando, cada vez mais, as necessidades. O pelo da mídia se intensifica despertando necessidades. O pelo da mídia se intensifica desertando necessidades para o urbano e para o rural (Camargo, 1982; Santos, 1992). A pesar da situação de pobreza e do aumento da deterioração das condições urbanas de existência há, entretanto, queda nos padrões de consumo básico dos trabalhadores em seu conjunto. Há aparência de que há “vida melhorou” dada a impressão de participação que se dá mais ao nível simbólico do que no real.

A sofisticação do consumo de uma minoria e ampliação das condições precárias de vida de maioria tende a se ampliar.

A de lapidação da força de trabalho subnutrida, o aumento da jornada de trabalho, a incorporação cada vez maior dos membros da família nas ocupações mais diversas, a rotatividade no emprego são característica da “vida urbana moderna”.

O habitar torna-se cada vez mais distante do local de trabalho. A população trabalhadora rural habita na cidade e se desloca diariamente para o campo. Ao mesmo tempo a população mais afastada migra para os condomínios fechados no rural, criando verdadeiro guetos fortificados.

A insegurança se instala. O medo da violência estabelece o pânico e os urbanos de melhor renda vivem nas cidades fechadas em verdadeiras fortificações nos edifícios super protegidos ou nas casas com muros altos e guaritas.

As favelas proliferam. Os cortiços aparecem e se intensificam no centro e na periferia das cidades. O campo passa a ser local da residência da população trabalhadora com certo grau de especialização.

Passa a ser difícil vislumbrar uma cidade verdadeiramente humana. Conclui-se, portanto, que o capital – e não a força de trabalho – que deteriora a vida urbana. “Para o capital a cidade é fonte de lucro. Para os trabalhadores é uma forma de existência” (Camargo, 1982- p. 81).

CONCENTRAÇÕES URBANAS E MOVIMENTOS SOCIAIS

Os movimentos sociais têm por origem contradições sociais que afetam a população em especial trabalhadora no Brasil. E nas metrópoles e grandes cidades que o fenômeno adquire mais visibilidade.

No mundo do trabalho a queda acentuada dos salários aliada à pressão dos patrões por aumento da produtividade tem gerado enormes protestos levando os trabalhadores a movimento de resistência de protesto redundando no fortalecimento dos sindicatos (metalúrgicos, bancários, etc.).

Na área dos consumo, em função do progresso técnico, multiplicam os produtos lançados no mercado. A mídia cria e intensifica a necessidade do consumo e com salários comprimidos a população se torna a cada dia mais despossuída.

No passado houve inúmeras manifestações onde as mulheres estiveram presentes as quais eram lideradas por associações ou personalidades femininas e vinculadas a circunstâncias problemáticas de interesse político e ou econômico, bem como reivindicações específicas vividas pelo país; processo abolicionista, luta pela República no século XIX, o movimento pelo voto feminino em São Paulo, movimentos constitucionistas no início do século; hoje a mulher tem participado de todos os movimentos populares e sociais com destaque para a questão da habitação, melhoria da qualidade de vida, eleições diretas, impeachment. (Oliveira, 1978).

Pós 1975 houve intensificação desses movimentos denotando maior conscientização e o avanço da “emancipação feminina”. Hoje cerca de 15% das famílias são chefiadas por mulheres que não tem com quem dividir a educação com os filhos e os encargos familiares.

A carência de serviços públicos, tais como escola, transporte de massa, serviços de água e esgoto, canalização de rios e córregos, etc., constituem condições indispensáveis á sobrevivência e reprodução da força de trabalho de moradores em metrópoles como São Paulo. A falta e ou precariedade desses serviços tem suscitado movimentos no bairros pobres e ampliado de tal forma a reunir massas consideráveis de pessoas.

Outro movimento social que atingiu grandes proporções ultrapassando o nível metropolitano e de alcance nacional foi o Movimento Contra a Carestia.

As Comunidades Eclesiásticas de Base tem sido importantes como aspiradoras diretas de movimentos sociais da população trabalhadora de São Paulo. A vitalidade de parte dos movimentos sindicais se deve, em certa medida ao apoio das CEBs de composição social operária.

Há outros movimentos que afetam determinadas parcelas da população que não contrapõem simplesmente dominados e dominadores, explorados e o daqueles que constituem os discriminados e discriminadores.

As mulheres realizam movimentos reivindicando salários iguais aos da mesma categoria recebidos pelos homens ainda por iguais engajamentos ocupacionais, etc. Acrescente-se ainda aquelas a favor de creches e pela liberação de aborto que mobilizam associações de moradores. Atualmente as feministas participam ativamente das oposições sindicais e movimentos grevistas. Todos lutam pela conquista da cidadania Kowaric, 1991.

Com os salários atingido o nível mais baixo da sobrevivência a reação freqüente dos oprimidos tem sido as depredações de veículos de transporte- os quebra- quebras-, os saques a supermercados e lojas, etc. (Moisés e Martínez- Alier 1978).

Também o movimento de bairro contra a carestia, a favor da regularização dos loteamentos clandestinos são resultados de iniciativa das CEBs, mas participaram também grupos de outras denominações religiosas e de ideologias não- religiosas.

O mais recente movimento nacional, verdadeiro exercício de democracia, ocorreu por ocasião do impeachment do Presidente da República. Homens, mulheres, estudantes operários agitaram as praças públicas Os “caras pálidas com rostos pintados de verde e amarelo” pressionaram os parlamentares de tal forma que o resultado foi a queda do Presidente.

Assiste-se hoje a um movimento também de caráter nacional movidos pelos jovens marginalizados que tem causado grande pânico à população. São levados jovens que tumultuam praças, lugares públicos e que no “arrastão” assustam a população e roubam.

A METRÓPOLE PAULISTANA NA VIRADA DO SÉCULO

O resultado do último censo denota que a metrópole perde relativamente o grande poder de atração que exerceu desde o início do século.

As indústrias migram em direção aos principais eixos de circulação apoiadas por uma rede melhor de comunicação e pelos incentivos governamentais e municipais. No estado de São Paulo, a vizinha região de Campinas- 100Km, foi a que atraiu, na última década, maior contingente de indústrias e maior número relativo de migrantes nacionais e do próprio estado. “Trata-se, a rigor, de um transbordamento da malha urbana sediada na capital, fazendo com que os municípios localizados até 150 Km, da mesa sofram um rápido processo de crescimento. Num primeiro momento verificam-se a consolidação a especialização dos municípios metropolitanos. A seguir, são as cidades mais próximas que passam a atrair as atividades industriais: Campinas, Sorocaba, São José dos Campos e, em menor escala, o Litoral e Riberão Preto. Esse crescimento ocorre a taxas superiores não só relativamente á metrópole, mas também no contexto nacional”. (Brent, 1989 p.29.).

A diferenciação que estabelece é do tempo físico.o tempo passa a ser a media. “Mas o tempo que está em todos os lugares é o tempo da Metrópole, que transmite a todo o território o tempo do Estado e o tempo das multinacionais e das grandes empresas. Em cada outro ponto, nodal ou não, da rede urbana ou do espaço, temos tempos subalternos e diferenciados, marcados por dominâncias específicas. Com isso uma nova hierarquia se impõe entre lugares, uma hierarquia como nova qualidade, a partir de uma diferenciação muito maior do que ontem, entre os diversos pontos do Território” (Santos, 1992 p.19).

A nova ordem que se estabelece é a da celeridade das informações disponível nesse atual período técnico- científico e que coloca a metrópole paulista num patamar único na esfera nacional. As informações chegam instantaneamente graças à modernidade do sistema electro- eletrônico e permitem com que a metrópole se especialize nos serviços chamados superiores – aterciarização-. Não mais necessita da presença da indústria para comandar o espaço, mas de especialização o na articulação do capital nacional e internacional a través de crescente importância do setor terciário (Goçalves e Semeghini, 1992).

No setor terciário a especialização de capital é eqívoca. No setor terciário nos segmentos da comércio, transporte, comunicação, armazenagem, atividades sociais e outras atividades, o peso relativo de cidade e da metrópole de São Paulo na arregimentação da população trabalhadora cresce consideravelmente. A importância das outras atividades como instituições de crédito, seguro e capitalização, bancos, caixas econômicas, etc. Assume grande significado (Negre, 1992).

Essa especialização transmite a região metropolitana de São Paulo importância única a mesmo tempo que assegura maior rentabilidade das empresas que nela se estabelecem e maior comando sobre as demais regiões do estado e do país. A concentração do capital financeiro, do comércio e dos serviços é que

vai lhe era fornecida pela concentração industrial. A superioridade de São Paulo reside na significativa presença do setor financeiro e pela coordenação das atividades produtivas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No atual período técnico científico as grandes cidades armazenam um contingente de informações que as coloca em posição privilegiada em relação às outras cidades. Desta forma o comando, através do controle de informação, se torna mais rígido e isto implica não ser mais necessária a concentração no espaço de sua circunscrição de atividades industriais.

Santes escreve que “produzir é produzir espaço” e que podemos entender as metrópoles e as grandes cidades como locais de maior concentração de produção de bens e serviços e por consequência espaços onde se realizam a gestão e o consumo. São centros neurálgicos do capital monopolista.

No Brasil, São Paulo, a metrópole nacional, articula estrutura e assume o papel de comando na (re) produção do espaço.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Brant, V.C. e outros – São Paulo trabalhar e viver. Comissão Justiça e Paz- Editora Brasiliense- São Paulo, 1989.
- Camargo, C.P.E. e outros – São Paulo 1975- crescimento e Pobreza, Edições Loyola- 1982.
- Fundação IBGE- Brasil em números. F. IBGE- Rio de Janeiro, 1992.
- Gonçalves. M. F. e Semeghini, U.C. – “A modernização do setor terciário paulista”, in São Paulo em Perspectiva. Fundação SEADE. Vol, 5, n2. 991, - 2-8.
- Kowarick, L. “Cidade & Cidadania: cidadão público”, in São Paulo em Perséctiva. Fundação SEADE. Vol. 5, n2, 1991, 2-8.
- Moisés, J.A. e, Martínez- Alier, “A revolta dos suburbanos ou ‘patrão’, o trem atrasou”. In Contradições Urbanas e Movimentos Sociais. CEDEC/Paz e Terra- 1978-, 13-63.
- Negri, B. “Industrialização e Tercialização no Estado de São Paulo” em perspectiva – Fundação SEADE. Vol. 6 n 3 1992, p.94-76.
- Rossini, R.E. “A população brasileira: trabalhar e sobreviver“. Laboratório de Geografia Política e Planejamento Territorial e Ambiental- Texto 002- Departamento de Geografia Departamento de Geografia FFLCH- Universidad de São Paulo- 1992.

- Santos, Milton. Modernidade, meio técnico- científico e urbanização No Brasil. Laboratório de Geografia Política e Planejamento Territorial e Ambiental. Texto 00 Departamento de Geografia – FFLCH Universidad de São Paulo- 1992.
- Santos, Milton- Metrópole Corporativa Fragmentada. O vaso de São Paulo. NOBEL/Secretaria de Estados da Cultura- 1990.